

O MERCOSUL E SUA DINÂMICA TERRITORIAL FRENTE AO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Ednizia Ribeiro Araújo Kuhn*

RESUMO: *Este artigo trata da questão do Mercosul, tendo como base de análise o contexto de Globalização X Fragmentação do Espaço e a formação de Blocos Econômicos Regionais. Para isso trata da necessidade da Integração regional como alternativa para o enfrentamento das questões subjacentes ao atual mundo Globalizado e analisa ainda os maiores desafios postos ao referido bloco econômico para sua sobrevivência, bem como suas perspectivas atuais de ampliação. É um texto analítico, estruturado em seções relacionadas à temática central, qual seja, o Mercosul.*

Palavras-chave: Mercosul, Globalização, Integração Regional.

SOBRE A ORIGEM DO MERCOSUL

Pode-se inferir que Simon Bolívar, líder revolucionário venezuelano, foi pioneiro na discussão da integração dos países que formam a América. É certo que o contexto em que ele desenvolve suas idéias é totalmente diferente de hoje, onde predominam as discussões sobre Globalização, mas o sentimento que ele difundiu, lá pelos idos de 1820, é o embrião do que hoje pode-se chamar de Integração Regional. Este sentimento, agora sustentado por novas necessidades e novos interesses, traduz-se na criação de acordos comerciais nas nações americanas do cone Sul, e objetiva-se numa inserção mais competitiva junto à Economia de Mercado Internacional. Como exemplos de Integração Regional na América Latina podemos citar o Pacto Andino, o Mercado Comum Centro-Americano, e o mais economicamente importante deles, o Mercado Comum do Sul – Mercosul, que integra Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e, bem recentemente, Venezuela, que acaba de assinar o acordo de adesão ao Bloco.

O Mercosul, objeto de estudo deste artigo, tem origem a partir dos acordos bilaterais travados entre Brasil e Argentina desde 1985, sendo assim uma espécie de evolução desses acordos, institucionalizado em 1991 com o Tratado de Assunção e ampliado, nesta ocasião, com a entrada do Paraguai e do Uruguai. É importante ressaltar que os primeiros acordos comerciais entre os países latinos e a discussão da criação do Bloco Econômico emergem num momento em que as economias de diferentes países do cone sul-americano apresentam crises no setor financeiro e industrial, o que os leva a procurar alternativas de combate a esta situação. Deste modo, associadamente, temos o contexto mundial e regional favorecendo o surgimento das associações comerciais.

É mister também destacar que a abertura vivida por estes países não é apenas econômica, mas político-democrática, o que é fundamental para o entendimento das negociações que se seguirão no bloco, já que, neste momento, aparece a cooperação em detrimento da competição até então vivenciada. Assim Raúl Alfonsín, da Argentina, e José Sarney, do Brasil, protagonizam os primeiros acordos bilaterais entre esses dois países, o que viria a ser, conforme mencionado acima, o embrião do Mercosul. Atualmente, o bloco possui uma população estimada em 220 milhões de habitantes e um PIB - Produto Interno Bruto - de aproximadamente 1,3 trilhão de dólares, segundo os dados oficiais.

* Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – DCH – Campus IV/Jacobina. Aluna especial do Mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: ednizia@yahoo.com.br.

Em relação ao nível de aprofundamento ou integração comercial do Bloco, pode-se afirmar que o Mercosul está hoje em estágio de União Aduaneira (ainda não totalmente concluída). Ou seja, além da livre circulação de mercadorias, produtos e serviços os países-membros adotam uma tarifa externa comum de exportação de seus produtos, o que fortalece e protege a negociação do bloco frente aos demais mercados. Deste modo, para melhor entender esse processo, cabe nos atermos mais detidamente ao cenário mundial que rege a criação do referido bloco.

SOBRE O CONTEXTO MUNDIAL DE SUA FORMAÇÃO

A partir da década de 70, o mundo experimenta mudanças que implicam em rápidas, ou antes ainda, radicais transformações de vários campos da realidade. O sistema produtivo, as bases político-ideológicas, as relações entre nações, etc, passam a ser mediadas por um processo denominado Globalização. Essas mudanças no sistema-mundo fazem-se sentir também na organização espacial, pois o espaço, como o entendido pelo professor Milton Santos, não pode ser entendido indissociado da totalidade social. Assim é que, segundo Daniel Hiernaux Nicolas, professor da Universidad Nacional Autónoma de México:

Cada apropriação do espaço implica uma nova atribuição de coerência, de uma nova lógica que adquire conteúdo com um devir social específico, no qual se tecem o individual e o coletivo. Transforma-se o espaço ao se transformar a sociedade, e em cada uma dessas transformações está envolvida uma atribuição de uma temporalidade particular que é a que vive a sociedade particular num dado momento. (NICOLAS, 2002. p. 85)

Desta forma, espaço e tempo são categorias diretamente imbricadas com sociedade, que é quem os produz, e nasce daí a necessidade de conhecer os processos sociais em sua totalidade como condição *sine qua non* para se entender a organização do espaço.

Dentre esses processos, evidencia-se, como já citado acima, a Globalização, uma tendência que traz consigo também a fragmentação do espaço, com a acentuação das desigualdades regionais e a necessidade de integração que extrapole a escala nacional, já que, neste novo cenário, os governos buscam ampliar e fortalecer suas economias e a forma que se põe para isso é a associação comercial entre nações. Assim temos dois movimentos: A Globalização, atuando na escala mundo, e a Fragmentação e Integração, que por sua vez, atuam na escala regional e supra-nacional. É um processo dialético e complexo pela sua dualidade e, embora, apresentem-se, aparentemente, como movimentos contrários, não o são, como nos mostra a Professora Mônica Arroyo, em seu artigo sobre o Mercosul:

O interesse associativo destas iniciativas visando o fortalecimento da base regional não é contraditório ou excludente, com a tendência à globalização, já que ambas decorrem da necessidade cada vez mais presente da criação de mercados ampliados. Pelo contrário, são complementares ao coincidir na busca de uma inserção em um contexto mais amplo, tanto regional quanto Mundial. (ARROYO, 2002, p. 123)

E assim, dentro dessa tendência Mundial de Integração emerge o Mercosul, como uma alternativa de inserção no mercado Global, associando países de economias regionalmente expressivas, como é o caso de Brasil, Argentina e Venezuela, com países de economia frágil, a exemplo de Paraguai e Uruguai, daí resultando um dos seus desafios, que será melhor explicitado a seguir.

DESAFIOS DO MERCOSUL

O Mercosul, bloco relativamente novo e com uma integração ainda superficial, possui muitos desafios a serem superados e enumerá-los talvez seja a forma mais didaticamente correta de discuti-los.

Uma primeira questão a ser debatida é justamente a da assimetria econômica dos países membros do Mercosul. Essa assimetria demanda lidar com um jogo muito grande de interesses e reivindicações, o que provoca conflitos, constituindo-se como uma barreira a mais para a integração. Para ilustrar este fato, Adriana Bernardes argumenta que:

A própria cooperação intra-regional reflete profundas assimetrias. Do PIB agregado do Mercosul, 60% provém do Brasil, 37% da Argentina, 2% do Uruguai e somente 1% do Paraguai. Daí também o conseqüente privilégio das análises sobre Brasil e Argentina, em detrimento do Uruguai e do Paraguai. (BERNARDES, 1997, p. 152)

Mas não só as diferenças *entre* os países, como também as diferenças *dentro* dos países são latentes e problemáticas. A questão é tão evidente que se fala de um Mercosul de “direito” e um Mercosul de “fato”, já que, como aponta Mônica Arroyo (2002, p. 309), “os negócios no âmbito do Mercosul se concentrarão nas áreas delimitadas por Belo Horizonte, Assunção, Córdoba, Mendoza, Neuquém e Bahía Blanca”, ou seja, o Mercosul acaba por beneficiar apenas as áreas que já estão integradas à Globalização. É este um processo perverso, pois como salienta a professora Mônica Arroyo:

Esta abertura implicaria incluir, de forma espontânea, todas as regiões e todos os habitantes. Quando o mais provável é que se reproduza a lógica de diferenciação social de nossos países e, portanto, a exclusão de um número importante de população no consumo. (ARROYO, 2002, p. 310)

Toda essa discussão nos remete a uma outra, também muito importante, que é a de que o Mercosul se constitui apenas como uma região funcional ao processo de Globalização, protagonizando, por excelência, uma integração apenas econômica, sem que haja solidariedade política entre os membros e sem que se considere os processos históricos, culturais e sociais de cada país. Assim, para Bernardes:

Tais informações, mesmo que parciais, podem nos indicar as dificuldades e os desafios a serem enfrentados pelos governos latino-americanos, caso haja uma vontade política de mais agressivamente incluir nas negociações as dimensões educativas-culturais que possibilitariam as bases para um verdadeiro intercâmbio e coesão, uma verdadeira solidariedade. (BERNARDES, 1997, p. 160)

Dentre os já citados, essa é maior questão e também o maior desafio dos países membros do Mercosul: equalizar suas deficiências no âmbito educacional para assim inserirem-se de forma mais justa e até mesmo mais competitiva nesta nova ordem global. E é também esse o desafio que todos esperam que seja superado, sob pena de continuar a situação de dependência e periferização da nossa economia e do nosso povo.

PERSPECTIVAS DO MERCOSUL

Enquanto um acordo político, e por lidar com variados interesses, conforme posto anteriormente, o Mercosul possui uma imensa gama de possibilidades de desfecho, o que torna difícil prospectar seu futuro. Porém novos fatos são por demais relevantes para deixarem de ser considerados.

Inicialmente, é importante discutir a recente entrada da Venezuela no bloco. A partir do Protocolo de Buenos Aires, assinado este ano, foi estabelecido um prazo de quatro anos para que este país se integre completamente ao Mercosul, sendo que o mesmo caminho pode ser seguido também pela Bolívia. O líder venezuelano de alinhamento esquerdista, Hugo Chávez, decidiu sair da Comunidade Andina das Nações, a qual fazia parte, após a decisão de alguns países da Comunidade negociarem com os Estados Unidos, país que, por sua vez, defende a constituição da ALCA – Área de Livre Comércio das Américas, proposta extremamente combatida por alguns países sul-americanos e defendida por outros, que acabaria por anular a atuação do Mercosul.

Aliado a tudo isso, o Uruguai, atual membro do Mercosul, está em vias de assinar um acordo bilateral com os Estados Unidos, procedimento este vetado pelas regras do Tratado de Assunção, e ameaça sair do bloco. O mesmo acontecendo também com o Paraguai. Estes dois países reclamam que as assimetrias econômicas existentes entre os países-membros não estão sendo sanadas. Este é um ponto de conflito interno do Mercosul.

Com tudo isso o Mercosul vive um momento *sui generis* de sua história: a perspectiva de perder parceiros históricos do bloco e a entrada de novos parceiros, o que vai determinar uma nova dinâmica territorial no bloco e demandar um novo posicionamento político que atenda aos interesses das nações envolvidas. É também um momento muito importante para a geopolítica da América Latina, já que o bloco se abre para nações de pensamento menos alinhados com a ideologia neoliberal (aqui ressalta-se a proximidade econômica e ideológica entre Venezuela e Cuba).

Portanto, o Mercosul, com todos esses horizontes, precisa superar os seus problemas internos, resolver os impasses com o Paraguai e Uruguai, e aproveitar a entrada desses novos parceiros para aprofundar, efetivamente, a integração Latino Americana, principal caminho possível atualmente para o enfrentamento do mercado mundial que é cada vez mais competitivo, seletivo, especializado, monopolizado e, por tudo isso, excludente.

REFERENCIAS

ARROYO, Mônica. Mercosul: discurso de uma dimensão de território que encobre antigas falácias. In: SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia A. de. SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs) **Território: Globalização e Fragmentação**. 5 ed. Hucitec: São Paulo, 2002.

ARROYO, Mônica. Mercosul: novo território ou ampliação de velhas tendências? In: SCARLATO, Francisco Capurano. SANTO, Milton. SOUZA, Maria Adélia A. de. ARROYO, Mônica. **Globalização e Espaço Latino-Americano**. 4 ed. Hucitec: São Paulo, 2002.

BERNARDES, Adriana. América Latina: Globalização e Integração regional. O Mercosul e o novo recorte territorial. In: **Revista do Departamento de Geografia**. Nº 11. USP: São Paulo, 1997.

CICCOLELLA, Pablo José. Desconstrução/reconstrução do território no âmbito dos processos de Globalização e Integração. Os casos do Mercosul e do Corredor Andino. In: SANTOS,

Milton. SOUZA, Maria Adélia A. de. SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs) **Território: Globalização e Fragmentação**. 5 ed. Hucitec: São Paulo, 2002.

NICOLÁS, Daniel Hiernaux. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo a fragmentação na Mundialização? In: SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia A. de. SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs) **Território: Globalização e Fragmentação**. 5 ed. Hucitec: São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

VALDOMIR, Sebastian. Brasil propõe “new deal” aos sócios pequenos, mas pede paciência. Disponível em: www.cartamaior.uol.com.br, Acesso em 13/07/06.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. As múltiplas faces da Integração. Disponível em: www.cartamaior.uol.com.br, Acesso em 13/07/06.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. Impasses econômicos e geopolíticos no caminho da ALCA. Disponível em: www.cartamaior.uol.com.br, Acesso em 13/07/06.